

ASPETOS GEOPOLÍTICOS DA CRISE NO KOSOVO

Slavi Dimitrov

Universidade de Veliko Târnovo“Santos Cirilo e Metódio”, Bulgária

slavi_omurtag@abv.bg

Tatyana Dimitrova

tatiana_mitkova@abv.bg

RESUMO

A história do Kosovo é cheia de vicissitudes. Ao longo de décadas, o Kosovo fez parte da ex-Jugoslávia e da República da Sérvia. A 17 de Fevereiro de 2008 o Kosovo declarou a independência unilateral em relação à Sérvia o que provocou diferentes reações à escala internacional. O Kosovo foi reconhecido por noventa países, vinte e dois dos quais são Estados-membros da UE. Conforme a Constituição aprovada a 9 de Abril de 2008 o Kosovo foi declarado “Estado soberano e independente”. A economia do Kosovo ainda é bastante fraca. O euro é a moeda oficial do Kosovo. A população é de cerca de 2 milhões de habitantes. A religião predominante é o islamismo e 92 % da população é de etnia albanesa. Ainda existe tensão étnica. A Sérvia recusa-se a reconhecer o novo Estado.

PALAVRAS-CHAVE: composição étnica, autonomia, referendo, independência

ABSTRACT

The history of Kosovo is full of vicissitudes. Over decades, Kosovo was part of the former Yugoslavia and the Republic of Serbia. On 17 February 2008 Kosovo declared unilateral independence from Serbia, which sparked different reactions internationally. Kosovo has been recognized by ninety countries, twenty two of which are Member States of the EU. According to the Constitution adopted on April 9, 2008, Kosovo was declared "sovereign and independent state." The economy of Kosovo is still quite weak. The euro is the official currency of Kosovo. The population is about 2 million inhabitants. The predominant religion is Islam and 92% of the population is Albanian ethnic. There is still ethnic tension. Serbia refuses to recognize the new state.

KEYWORDS: ethnic composition, autonomy, referendum, independence

INTRODUÇÃO

Ao longo da Segunda Guerra Mundial os problemas nos Balcãs deram lugar à oposição ideológica. O colapso do comunismo realçou os problemas económicos e sociais até então disfarçados, bem como as contradições nacionais incrementadas. Em consequência disso, ressurgiu um problema bem conhecido na Península Balcânica – o nacionalismo. Este ocupou o espaço político que lhe cedeu a ideologia comunista e aproveitou as dificuldades da transição e da democracia na vida da sociedade para se manifestar explicitamente.

As contradições nacionais e de território nacional nos Balcãs e, particularmente, no seio da antiga Jugoslávia atingiram o auge. O nacional-comunismo sérvio e o paneslavismo sérvio tendo continuado intato como uma ilha no meio do Sudeste da Europa entrou na quarta guerra consecutiva – desta vez no Kosovo. A Europa e o resto do mundo acabaram por encarar o evidente - os acordos de Dayton não puseram termo aos problemas na Jugoslávia (Karastoyanov, 1999).

Uma característica importante dos Estados balcânicos reside no facto de serem por definição Estados-Nações (Prevelakis, 1994) modelados dessa forma sob a influência do padrão francês e britânico do século XIX. A Nova Jugoslávia é formalmente federalizada, mas de facto foi simultaneamente feita uma tentativa de edificar um Estado nacional onde deviam viver “todos os sérvios” (Batchvarov, 2001).

O TERRITÓRIO KOSOVAR

O Kosovo (em sérvio Косово и Метохија; em albanês Kosova) é uma região no Sul da Sérvia. Situado a Norte da montanha Shar Planina e a Oeste do vale do rio Morava junto à fronteira com a Albânia, tem uma superfície de 10,9 mil km² o que representa 1/8 do território da Sérvia (fig. 1). Até 1969 tem o nome de Província autónoma de Kosovo e Metohija e a partir de 1969 (até 1989) – o de Província autónoma de Kosovo. As duas regiões históricas são bacias naturais rodeadas de montes altos e de altura média e apresentam um clima continental temperado. A Metohija ocupa a parte ocidental da província – uma vasta bacia que confina a Oeste com o monte Prokletija e a Sul – com a montanha Shar Planina. A parte oriental da Metohija, mediante a região de colinas de Drenica, comunica com o Kosovo. A bacia de Metohija é uma das mais fertis na antiga Jugoslávia. A sua superfície é de 4,7 mil km².



Fonte: <http://i.factmonster.com/images/kosovomap-2010.gif>

Fig. 1 – O território Kosovar

A bacia de Kosovo estende-se em sentido meridional a 84 km e a maior largura que atinge é de 15 km. A altitude média acima do nível do mar é de 510-570 metros (de 100-150 metros superior à de Metohija). A bacia é drenada pelo rio Sitnica que é afluente do rio Ibar.

O Kosovo e Metohija é a região mais atrasada do ponto de vista económico na Sérvia. A economia rural – a agricultura e a criação de gado constitui o sustento principal da população. Regista-se um elevado nível de desemprego – superior a 50%. O rendimento de cereais e gramíneas não é suficiente para satisfazer as exigências do sustento da população e do gado porque há escassez de terra lavrável de qualidade. São cultivados principalmente o trigo, o milho, a batata, bem como plantas industriais - essencialmente a beterraba sacarina – matéria prima para a fábrica de açúcar na cidade de Pec. Vastos terrenos são cobertos de vinhas e pomares. A criação de gado é extensiva, de pasto. São criados bovinos, ovinos, caprinos, aves.

Na bacia de Kosovo e Metohija encontram-se jazigos de cerca de 10 biliões de toneladas de lignite. É extraída de minas a céu aberto. A lignite é o combustível da central eletrotérmica em Obilvi.

O jazigo de minério de chumbo-zinco na região de Trepca (fig.2), Janjevo e Novo Brdo tem grande importância. Esse minério funde-se no Complexo mineiro químico-metalúrgico na cidade de Trepca que é um dos maiores na Europa e onde se produzem 80% do chumbo e do zinco na Sérvia. Extraem-se também ouro e prata.



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Trep%C4%8Da_Mines

Fig. 2 – A cidade de Trepça e o seu complexo mineiro.

Em Pristina, Pec, Cekovica e Prizren há fábricas da indústria madeireira, química, de construção civil, do calçado e peles, de têxteis, da indústria poligráfica e alimentar.

A infra-estrutura é geralmente bem desenvolvida. Algumas vias férreas atravessam a província – a de Nisch – Prokuple – Pristina, a de Pristina – Pec com bifurcação para Prizren e a de Kralevo – Kosovska Mitrovica – Urusevac – Kacani – Skopje (Doykov, 2000).

A seguir à breve característica fisiográfica e geoeconómica, debruçemo-nos sobre a organização político-administrativa do Kosovo atual. Realmente, as províncias históricas são Goljemo Kosovo, Kosovo Pomoravlje e Metohija. Certa importância tem também o facto de o Kosovo, propriamente dito, ser composto pelos distritos de Kosovska Mitrovica, Vuitrn, Pristina e Lipljan (fig. 3). O distrito de Raska ocupa só uma pequena parte do Kosovo actual.



Fonte: <http://www.esiweb.org/balkanexpress/images/kosovo>

Fig. 3 – As cidades de Mitrovica e Pristina.

O Kosovo é uma província histórica. O nome provém do búlgaro – koc, на koco – isto é, obíquo, em viés, porque esta é a forma da própria bacia. Na antiguidade a região era

povoada pelos dárdanos. Após o século VI-VII lá começaram a penetrar protobúlgaros e ávaros e, com eles, também eslavos búlgaros. Durante o Primeiro Estado búlgaro a região de Kosovo fez parte do território búlgaro e foi povoada por búlgaros. A infiltração sérvia foi registada muito mais tarde, só no século XIV quando a região passou a fazer parte do reino de Dusan. Os sérvios associaram o Kosovo com a Batalha de Kosovo de 1389. Durante o jugo otomano os sérvios habitavam só os territórios a Noroeste da região, a Oeste da linha Pristina-Prizren. A oriente encontram-se os búlgaros. A infiltração albanesa na região começou após 1767 quando grande parte da população búlgara e sérvia cristã se retirou com as tropas austríacas para a Monarquia do Danúbio na sequência da eliminação do patriarcado de Pec e do arcebispado de Ochrida. Após a revolta de Nisch em 1841 que foi esmagada essencialmente por um bachi-bouzouk albanês, nas localidades da população búlgara exterminada ou expulsa acabaram por se estabelecer albaneses que no decorrer do século seguinte viriam a tornar-se a população predominante.

Durante a Guerra Russo-Turca nasceu o movimento de libertação nacional da Albânia. Em 1878, em Prizren (Metohija) foi criada uma associação que se propôs defender os direitos nacionais dos albaneses contra as aspirações da Sérvia e Montenegro vizinhos. O Kosovo e Metohija tornaram-se o berço da renascença nacional albanesa. Os militantes nacionais albaneses, tais como Sami Frasheri, reivindicavam a futura Albânia independente que compreendesse os seguintes 15 sandjaks: Skodra, Ipek (Pec), Prizren, Pristina, Skopje, Bitola, Debar, Elbasan, Tirana, Berat, Korca, Kostur, Janina, Girocastra, Preveza. Foram lançadas as fundações da “Grande Albânia”.

O ilustre geógrafo sérvio Jovan Cvijic (1865-1928) defendia o espaço étnico sérvio e tentou, com o auxílio dos métodos científicos da geografia política e da geopolítica, justificar as pretensões da Sérvia a determinados territórios (Kosovo, Metohija, Macedónia). Por exemplo, ele achava que o vale do rio Vardar constituía um prolongamento natural do vale do rio Morava (dominado pela Sérvia) e que seria “uma violência contra a natureza impedir o soberano do vale do rio Morava de descer no vale do rio Vardar e daí ir até à baía de Salonica.

As Guerras balcânicas (1912-1913) alargaram o território da Sérvia quase duplamente incluindo nessa o Kosovo, a Metohija e importante parte da Macedónia. O Sudeste do Kosovo ficou no território da Bulgária ao longo da Primeira Guerra Mundial (1916-1918) quando foi repartido com a Austro-Hungria. Após 1918 essas províncias históricas voltaram a ser entregues ao recém-criado Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (o Reino da Jugoslávia de 1929).

As grandes potências entregaram por meio do sistema de acordos de Versalhes importantes territórios do antigo, já naquela altura, Império Austro-Húngaro à Jugoslávia.

Esta obteve a Bósnia e Herzegovina, a Croácia, a Vojvodina, a Eslovénia e a Dalmácia, isto é, um território de mais de 144 mil km² e uma população de cerca de 8 milhões de habitantes. A Sérvia, sendo um pequeno país balcânico de população e território modestos (48,3 mil km² e 2 milhões de habitantes) tornou-se um Estado jugoslavo que possuía um território de 248 mil km² e abrangia 12 milhões de habitantes. A ideia da “Grande Sérvia” foi realizada, em alto grau, com o apoio, primeiro, da Rússia e, em seguida, com o da Inglaterra e da França. As grandes potências acabariam por armar uma bomba-relógio nos Balcãs (Karastoyanov, 2007).

O novo Estado, construído sobre os restos dos Impérios Otomano e Austro-Húngaro, dominava um mosaico étnico instável composto por: húngaros, albaneses, eslovacos, checos, valáquios, turcos, romenos, alemães, italianos e búlgaros (Kostel, 1999).

Do ponto de vista da religião que professa a população da Jugoslávia, essa tem a seguinte estrutura: ortodoxos - 69%, muçulmanos – 19%, católicos – 4%, protestantes – 1%, outros – 11% (Tchavdarova, 1999).

A Jugoslávia desintegrou-se devido à Segunda Guerra Mundial. Ao longo desta a Albânia juntamente com o Kosovo e a Macedónia Ocidental foi transformada num protetorado italiano denominado Grande Albânia. Embora por um período bastante curto, o território étnico albanês foi reunido num único Estado. Após o fim da Guerra, a Jugoslávia foi organizada como Estado federativo a constar de seis repúblicas (a Sérvia, a Croácia, a Eslovénia, o Montenegro, a Bósnia e Herzegovina e a Macedónia). No território da Sérvia foram constituídas à parte duas províncias autónomas – o Kosovo e Metohija e a Vojvodina. A Constituição adoptada a 21 de Dezembro de 1974 marcou a implantação do modelo confederativo. As províncias autónomas obtiveram direitos que as aproximaram às repúblicas federativas. Slobodan Milosevic que subiu ao poder na Sérvia em 1986 voltou a lançar a palavra de ordem de uma Sérvia unida e potente. O primeiro passo decisivo nesse sentido foi a violação da autonomia do Kosovo e Metohija e da Vojvodina em 1989. Como sublinha o geógrafo Michel Foucher, “o nacionalismo lá não é um dado primário, mas, antes, uma componente proveitosa para uma estratégia de crise e rutura em pontos escolhidos com precisão onde a maioria sérvia se torna uma minoria local” (Kostel, 1999).

As tentativas das autoridades sérvias de assimilar a população albanesa no Kosovo e Metohija acabaram por um fracasso total apesar de os albaneses, no período entre guerras, serem privados da possibilidade de obter formação na língua materna. Foi a razão de quase 90% dos albaneses no Kosovo e Metohija, ao longo do período entre guerras, ficarem analfabetos.

Nos anos após a Segunda Guerra Mundial, por causa do regime comunista na Jugoslávia, uma parte considerável da população do Kosovo e Metohija viu-se obrigada a

deslocar-se à força para a Turquia, para alguns países europeus, para os EUA e para a Austrália (segundo certas estimações – entre 350 mil e 500 mil pessoas). Apesar desse facto, a estrutura etnogeográfica da população do Kosovo e Metohija caracteriza-se com a preponderância do elemento étnico albanês (tab. 1).

Tabela 1 - População do Kosovo e Metohija por grupos étnicos

	1948	1961	1971	1981	1991	2001
População Total	727 820	963 988	1 243 693	1 584 441	1 900 000	2 000 000
Albaneses	498 242	646 805	916 168	1 226 736	1 650 000	1 672 000
Sérvios	171 911	227 016	228 264	209 492	170 000	114 000

Fonte: Kosovo Statistical Office (SOK)

A tendência é significativa – em 53 anos a população albanesa no Kosovo e Metohija sendo 68,5% cresceu a quase 88% em 2001. Durante o mesmo período os sérvios sendo 23,6% diminuíram a cerca de 7%. O aumento da população (varia nos limites de 38-41 por mil) permitiu à população albanesa na região crescer mais de três vezes. Tornou-se um absurdo falar em minoria albanesa. Esse facto obrigou os dirigentes jugoslavos, conforme a Constituição de 1974, a conceder certa autonomia à província. A aspiração dos albaneses do Kosovo a adquirir o estatuto de república no âmbito da Jugoslávia fica enfrentado com uma série de medidas repressivas que acabaram por privar o Kosovo e Metohija de autonomia. Em Setembro de 1991 no Kosovo foi organizado um referendo que promulgou a República de Kosovo. As eleições de 1992 constituíram instituições albanesas paralelas no Kosovo. A resistência passiva albanesa veio a converter-se em resistência armada. Em 1996 foi criado o Exército de Libertação do Kosovo (ELK). O problema de Kosovo entrou numa nova fase de evolução (Karastoyanov, 1999).

Sendo partidário da preservação e da centralização mais uma vez da federação, Milosevic não conseguiu chegar a acordo com as outras repúblicas, preocupadas com aquilo que consideravam um retorno do hegemonismo sérvio, e ficou testemunha da desintegração da Jugoslávia. Em Junho de 1991 a Eslovénia e a Croácia separaram-se, em Setembro a Macedónia declarou a independência e em Outubro foi seguida pela Bósnia e Herzegovina (Lacoste, 2005).

Milosevic e os chauvinistas de Grande Sérvia mancharam as mãos de sangue primeiro na Eslovénia, mais tarde invadiram a parte oriental da Croácia, veio a vez também da Bósnia. A Europa e o mundo como se não acreditavam que após o Dayton o processo de desmembramento da Jugoslávia continuasse. A não-intervenção da comunidade internacional permitiu a Milosevic implementar no Kosovo e Metohija a conhecida tática da limpeza étnica. No Outono de 1998 Slobodan Milosevic redigiu uma diretriz secreta que

constava de duas componentes – a derrota completa de ELK e a limpeza total dos albaneses na região. Até Maio de 1999 fora do Kosovo e Metohija foram expulsos, conforme dados incompletos, mais de 800 000 albaneses (quase a metade da população albanesa do Kosovo). Cerca de 430 000 albanos-cosovares foram acolhidos na Albânia, outros 240 000 ficam na Macedónia. O Montenegro acolheu cerca de 70 000 albaneses do Kosovo. Outra parte assinalável da população albanesa (quase 400 000 pessoas) ficou a esconder-se nas regiões montanhosas da província. Não há nenhuma dúvida de que se trata de um genocídio e limpeza étnica sistemáticos, planeados há muito tempo, que se fundamentavam no argumento que cada terra onde houvesse túmulos sérvios e onde viveram sérvios, era sérvia.

A asserção que a natureza, as condições geográficas num dado país determinam o regime político, a situação e as perspectivas económicas, não pode ser reconhecida correta do ponto de vista científico. Não é possível que as condições geográficas indiquem onde tem de ficar o Kosovo – na Sérvia ou na Albânia. Sem dúvida, o direito histórico está a favor dos sérvios e conforme os acordos internacionais o Kosovo continua a fazer parte da Sérvia. É um exemplo do “direito da terra”. A favor dos albaneses está “o direito de sangue” – a esmagadora maioria da população dessa região é composta por albaneses étnicos. As albanesas dão à luz dois ou três filhos mais do que as sérvias. Além disso, a quota-parte da população sérvia diminuiu devido igualmente ao facto de, sendo mais integrada e qualificada, essa participar mais ativamente nos processos de urbanização e de emigração na Jugoslávia.

Após a Segunda Guerra Mundial muitos sérvio-cosovares deixaram o Kosovo para se estabelecer em grandes cidades fora da província de Kosovo o que acentuou a disparidade populacional a favor dos albaneses étnicos em cujo caso a emigração não se apresentou em massa.

Com efeito, este exemplo sugere que as condições socioeconómicas e etnoculturais, tendo tido uma influência unilateral e de longo tempo, acabaram por ter um impacto considerável sobre a formação das características e da mentalidade nacionais. Portanto, a repercussão das condições geográficas sobre esse processo é antes indireta – como uma influência de pano de fundo sobre as condições socioeconómicas e etnoculturais (Batchvarov, 2001).

No que se refere à situação no Kosovo, essa continua a ser complexa e pouco clara. Conforme a Resolução Nº 1244 de 10 de Junho de 1999 do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas com a qual se pôs termo à oposição bélica durante a crise de Kosovo de 1999, o Kosovo representa uma província autónoma nos limites da República

Federativa da Jugoslávia (atualmente – Sérvia). A resolução acima mencionada regulamenta a implementação de uma administração da ONU na província.

O Secretário-Geral da ONU nomeava um representante seu que era encarregado da administração do Kosovo sob a designação de Missão de Administração Transitória da ONU no Kosovo (UNMIK). Todo o poder legislativo e executivo referente ao Kosovo, inclusive a administração do sistema judicial, era entregue à UNMIK e era executado pelo Representante especial. Em 2001, em virtude de um decreto, o Representante especial adotou um Enquadramento Constitucional para uma administração autónoma transitória a qual tinha o papel de lei fundamental da província e conforme o qual se previa a formação de várias “instituições transitórias da administração autónoma”, inclusive um parlamento, um governo e tribunais que funcionariam sob a supervisão do Enviado especial do Secretário-Geral da ONU.

Em Dezembro de 2001, na sequência das eleições efetuadas no mês anterior, foi constituído o Parlamento de Kosovo de 120 deputados cujas leis entrariam em vigor depois de serem validadas pelo Representante especial do Secretário-Geral da ONU. Em 2001, a fundação do parlamento do Kosovo e de uma série de instituições marcou o início da formação real de uma autarquia local na província.

Desde 1999 o Kosovo foi governado por cinco representantes especiais do Secretário-Geral da ONU: Bernard Kouchner (França), Hans Heckerup (Dinamarca), Michael Scheiner (Alemanha), Harry Hallkery (primeiro-ministro da Finlândia de 1987-1991) e Soren Jessen-Petersen o qual ocupa esse cargo a partir de 16 de Junho de 2004.

Depois da partida dele em Junho de 2006 as Nações Unidas nomeariam outro administrador no Kosovo para governar a província enquanto continuarem as conversações para a eventual independência do Kosovo nos meses vindouros.

Após a falha das negociações internacionais para atingir um consenso sobre o estado constitucional aceitável, o governo provisório de Kosovo declarou-se unilateralmente um país independente em relação à Sérvia a 17 de Fevereiro de 2008, sendo reconhecido no dia seguinte pelos Estados Unidos e alguns países europeus, como a França e a Alemanha; porém, o país ainda é reivindicado pela Sérvia e não recebeu o reconhecimento de outros países como a Rússia e a Espanha.

O presidente da nova república é Fatmir Sejdiu, do partido LDK (Lidhja Demokratike e Kosovës, “Liga Democrática do Kosovo”). O primeiro-ministro é Hashim Thaçi.

A Sérvia continua a defender a posição de que não pode aceitar a fundação de um Estado albanês no seu próprio território cujas fronteiras são reconhecidas oficialmente pela comunidade internacional. A presidente do Centro de Coordenação para Kosovo Sanda Raskovic-Ivic declarou que caso a província obtivesse independência, tal direito teriam

igualmente a República Srpska na Bósnia e Herzegovina, como também a Transnístria (Pridnestrovje), a Abcásia e a Catalúnia.

Os sérvios consentem a “tudo exceto independência”, e os albanos-cosovares não aceitam nada exceto independência absoluta. Toda a comoção no Kosovo nunca tarda a transferir-se para a Macedónia. O Kosovo e a Macedónia são, praticamente, dois vasos comunicantes. As aldeias albanesas sistematicamente “descem” as ladeiras da montanha Shar Planina rumo a Skopje. As igrejas e mosteiros ortodoxos têm ficado sistematicamente, também, demolidos no território de todo o Kosovo (Tchukov, 2006).

O único sucesso das potências ocidentais no conflito na antiga Jugoslávia residiu no facto de ter impedido a intervenção dos países vizinhos: a Bulgária, a Albânia, a Grécia, a Turquia, em caso de rebelião dos albaneses no Kosovo ou na Macedónia. Esta é a única das repúblicas na antiga Jugoslávia que ficou intata após a guerra apesar dos múltiplos fatores de desmoronamento (Kostel, 1999).

Os EUA e os países europeus membros da NATO e da UE devem perceber que para existir uma Europa Unida têm de ser pacificados e integrados os países da Península Balcânica. A fragmentação política pode-se remediar através do desenvolvimento progressivo da integração económica entre os países balcânicos, como parceiros de iguais direitos, indo a converter-se essa em integração política (Karastoyanov, 1997).

CONCLUSÃO

No novo quadro geopolítico do mundo a noção de região-mediadora que não separa, mas sim que une os mundos culturais, políticos, económicos e religiosos vem a adquirir uma importância cada vez mais ampla. Uma dessas regiões-mediadoras pode ser o Kosovo (Cohen, 1991).

À condição que a organização estatal socioeconómica e política fique baseada nos princípios da democracia, os problemas dos grupos étnicos minoritários acabarão por ser resolvidos por meios civilizados. O regime democrático, por diferença do regime autoritário, manifesta uma capacidade muito mais alta de auto-regulação e estabilidade, uma capacidade de “propulsão” das forças centrípetas para conseguir a formação de uma sociedade unida. Pelo contrário, o autoritarismo agrava as relações interétnicas, força a assimilação dos grupos étnicos minoritários, recorre a vários métodos e instrumentos para alcançar a integridade nacional. Os resultados finais dessa geoestratégia “especial” manifestam-se de uma forma imprevisível. Simultaneamente, os conflitos regionais e etnopolíticos dependem cada vez mais do impacto de fatores exteriores e “secundários” (Christov, 1991).

É evidente que potentes fatores exteriores tentam alterar a correlação no sistema sociocultural dos Balcãs Ocidentais. As mudanças apresentam igualmente fortes aspectos geopolíticos. Os albaneses não são senão um instrumento para a realização de determinados objetivos geopolíticos globais.

Portanto, não esqueçamos o facto de que nos Balcãs, ainda na Antiguidade, foram criadas concepções e métodos de focar o conhecimento científico do mundo e foi inventada a democracia como a forma mais humanista de organização e governo do Estado.

BIBLIOGRAFIA

Batchvarov, M. (2001). *Análises geopolíticas*. Sofia.

Christov, T., Dimov, N. (1991). *Geografia política*. Sofia.

Cohen, S. (1991). Global Geopolitical Change in the *Post-Cold War Era* // *Annals of the Association of American Geographers* (81 (4). pp. 551-580).

Doykov, V., Dermendjiev, A. (2000). *Europa. Geografia económica*. Parnas, Rousse.

Karastoyanov, S. (1997). *Geografia política. Geopolítica. Geoestratégia*. Sofia.

Karastoyanov, S. (1999). O Kosovo – característica de geografia política. *Revista Geografia*, (nº 5-6, pp. 2-12), Sofia.

Karastoyanov, S. (2007). *Kosovo – Análise geopolítica*. Sofia.

Kostel, E. (1999). *Geopolítica contemporânea*. Sofia.

Lacoste, I. (2005). *Dicionário geopolítico do mundo*. Sofia.

Prevelakis, G. (1994). *Les Balkans*. Nathan, Paris.

Tchavdarova, M. (1999). *Países balcânicos. Política, economia, relações internacionais*. Sofia.

Tchukov, B. (2006). O Kosovo é uma componente do balanço geopolítico. *O jornal "24 horas"* (19.04, p. 35), Sofia.

